# A CIDADE COMO LUGAR DE EMBATE POLÍTICO: INSTRUMENTALIZAÇÕES DO TEMPO E LUGARES DE MEMÓRIA NO PRIMEIRO PERONISMO[1]

**GT15: Comunicação e Cidade**

Marcio Fernandes[2]
Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro)
Brasil

## Resumo

Este estudo parte da premissa da cidade como um espaço político primordial do chamado Primeiro Peronismo, o avassalador regime que vigorou na Argentina entre 1946 e 1955. A partir de fontes primárias, estudos de caso, observações in loco deste signatário e reflexões de terceiros, o estudo discorre sobre estratégias como instrumentalizações do tempo e a apropriação do que se conhece como lugares de memória, enquanto atos protagonizados pelo regime do general Juan Domingo Perón para se perpetuar nos corações e mentes dos habitantes deste país latino. Em paralelo, quando pertinente, o presente artigo indica como operou a auto-denominada Revolução Libertadora (que derrubou Perón) no sentido inverso – do apagamento dos feitos peronistas, tanto o apagamento físico (como a derrubada de bustos do primeiro casal presidencial, Juan Domingo e Eva Perón) como simbólico (aí incluindo a proscrição de qualquer menção verbal ao regime).

---

[1] Artigo apresentado ao Grupo Temático 15, Comunicación Y Ciudad, do XII Congresso da Associación Latinoamericana de Investigadores de las Ciencias de la Comunicación, a ser realizado de 6 a 8 de agosto de 2014, em Lima, Peru.

[2] Professor concursado (Adjunto A) da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro),Paraná, Brasil. Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com doutoramento-sanduíche pelo Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa (UL), Portugal. Secretário de Comunicação Social da Prefeitura Municipal de Guarapuava (PMG), Paraná, Brasil.

É uma pesquisa, portanto, que versa sobre embates entre grupos políticos argentinos tendo a cidade como palco, em um dos momentos mais singulares da América no século 20.

**Palavras-Chave:** Primeiro Peronismo; Instrumentalizações do Tempo; Lugares da Memória; Cidade; Espaço Público.

**As instrumentalizações do tempo**

Ainda hoje, Donadeu é o penúltimo ponto de parada da rodovia provincial n. 5, na província de Santiago del Estero, Argentina. Depois de Donadeu, só quem mora em Campo Gallo, 21 km adiante, continua pela estrada. No esforço de apagamento de registros peronistas que se seguiu ao golpe de 1955, Donadeu recuperou seu antigo nome, já que, desde meados daquela década, passara a se chamar 7 de Mayo, por um decreto peronista. Sete de maio era o dia de nascimento de Eva Perón, a mítica primeira dama do regime liderado pelo general Juan Domingo Perón, o homem que governou a Argentina entre 1946 e 1955, em uma fase ainda hoje conhecida como Primeiro Peronismo.

Em 1956, a Revolução Libertadora militar decretou a supressão de outro feito justicialista. O Dia del Obrero não mais existiria e deixaria de ser comemorado em 7 de maio. A seguir, uma tacada simbólica maior: pelo disposto no decreto nacional 4864/56, Eva (morta em 1952) estava deixando de ser a Chefa Espiritual da Nação e Perón, o Libertador da República, distinções que o Congresso Nacional outorgara nos instantes gloriosos do Peronismo. Eram tempos de um "exorcismo liberador", como disse Marcela GENE (2008: 11), de subtrair um passado que faria tornar a sociedade argentina de 1956 em diante mais suscetível às mensagens da Revolução Libertadora.

Eram tempos de proscrição do regime, de seus personagens, de seus símbolos. De expurgos, de pessoas ou da iconografia, como os bustos derrubados em Buenos Aires no mesmo dia em que Perón deixou a Casa Rosada. Subitamente, a fada madrinha Evita deixou de poder zelar pelos cabecitas negras. A Ciudad Infantil foi transformada em estacionamento. As cidades argentinas deviam deixar de ser um lugar político do Peronismo.

Eram tempos em que uma parte da Argentina buscava um esquecimento definitivo, um esquecimento por apagamento de rastros (Paul RICOUER, 2000: 427). Uma época na qual a Revolução operava sob as táticas do conceito (também apresentado por RICOUER, idem: 457) de lembrança encobridora, o qual exerce sua força tanto em aspectos da memória coletiva quanto da vida cotidiana, por meio da exaltação dos acontecimentos do regime político em vigor. Sobre monumentos, a Revolução interrompeu um projeto grandioso: o mausoléu a Evita teria 137 m de altura (50% maior que a Estátua da Liberdade americana), 14 elevadores de apoio e 43 toneladas de mármore de carrara. Quando Perón caiu, a obra ainda estava no nível das fundações, três anos após o Congresso Nacional ter aprovado a iniciativa, em uma sessão que teve 184 discursos de deputados e senadores elogiando Eva.

Pelos anos seguintes, quem desejasse se manter fiel ao regime caído tinha de recorrer à memória subterrânea (categoria de Michel POLLAK), que seria capaz de conversar lembranças proibidas, reprimidas e/ou ignoradas pelo grupo dominante. Estas só voltariam a aflorar livremente a partir da década de 1970, em seus aspectos políticos (a retomada do Partido Peronista) e afetivos (como renomeação de diversos lugares públicos). A economia dos discursos verdadeiros (Michel FOUCAULTt) peronistas – produção, acumulação e circulação de discursos de toda espécie – devia, enfim, silenciar. Como se não tivesse ocorrido,

embora o silenciamento não fosse tão simples. Alícia ORTIZ (1995: 340) alertou que "ao queimar selvaticamente cada colcha, cada uniforme de desporto com a inserção Fundación Eva Perón", a Revolução acabava por provocar a sobrevivência do Peronismo. "O encarniçamento fomentava a resistência", sustentou a autora.

O Peronismo soubera se construir, através dos elementos que constituíam uma memória que se pretendia duradoura – a presença de personagens de destaque, a ocorrência de acontecimentos bastante simbólicos, além de lugares e de datas. Entre 1952 e 1953, as trocas de nomes de diversos lugares se acentuaram. É impressionante a condição de auto- exaltação que se deu no Peronismo. Um novo bairro de Buenos Aires se abriu em 1953, chamado 26 de julho (dia da morte de Eva). Cañada de Gomez, cidade a 370 km de Buenos Aires, perdeu esta identificação naquele ano: tornou-se Ciudad Evita. O mesmo se dera com Cutral-Có (1,25 mil km da Capital): um decreto nacional a tornara município Eva Perón.

Mas estes três casos são quase nada diante de Las Cuevas, um minúsculo vilarejo que mudara de denominação naqueles tempos, por decisão de Perón: Las Cuevas, 1,4 mil km de Buenos Aires e a 5 km de Parada Caracoles (Chile) e 3,2 mil m de altitude, tornara-se Villa Eva Perón, um lugar tão distante e inóspito (está na faixa mais íngreme da Cordilheira dos Andes) que até hoje só um punhado de imóveis por ali resiste – o general e Eva haviam, poucos meses antes da troca de nome, visitado o lugar, prometendo melhorias estruturais.

Marisa NAVARRO e Nicholas FRASER (1985: 157) contam que, no começo de 1950, um correspondente do americano The New York Times escreveu que Eva "jogava 25 partidas de xadrez simultaneamente em alta velocidade". O que Fernando CASTILLO diz sobre o ocorrido no Norte montanhoso da Argentina em 1950 dá conta deste ritmo mencionado pelo jornalista (2011: 04):

> El 4 de junio fue inaugurado en Hogar Escuela en Tucumán; el 5 de junio fueron inaugurados en la provincia de Jujuy el Hogar Escuela 'Coronel Domingo A. Mercante' y la 'Clínica de recuperación infantil' de Termas de Reyes; el 7 de junio fueron inaugurados en Catamarca el Hogar Escuela '17 de octubre' y el Hospital de Niños 'Presidente Perón'. Se estaban construyendo otros 4 hogares escuelas en otras regiones del país, en las provincias de San Juan, San Luis, Entre Ríos y Santa Fe. Además se esperaba que pronto se diese inicio a la construcción de otros hogares escuelas, en Rosario y en el territorio de La Pampa. Todos los hogares escuelas, los construidos y los en construcción, habrían tenido –según la prensa– capacidad para 1500 niños.

A instalação de bustos do primeiro-casal era outro mecanismo recorrente para a instrumentalização do tempo. Enquanto meras esculturas, eram apenas fatos materiais (expressão de Tzvetan TODOROV). Para além desta interpretação, peças como estas são símbolos não apenas de muitas memórias, também de alguns silenciamentos e esquecimentos convenientes ao Peronismo de então. Os bustos são também instrumentos de conservar o passado, a mnemê de Aristóteles, como referencia Jacques LE GOFF (2003: 435) – passado esse que, em determinado momento (neste caso, o Primeiro Peronismo) estava configurado quase ao lado do tempo presente de então.

As associações simbólicas que o Primeiro Peronismo promoveu foram centenas (os casos das vilas e cidades antes citadas são apenas alguns dos tantos similares), seguidas dos apagamentos pós-queda do regime. Solidificar a proposta de uma nova Nação era um projeto ambicioso que passava pela fusão de

horizontes (como define Paul RICOEUR) a partir de ícones de uma época mais remota – tendo como figura principal José de San Martín (1778-1850), el Libertador – e do passado que se dava quase no mesmo instante do tempo presente de então – daí a inauguração, por exemplo, de uma hogar- escuela em Salta, cuja cerimônia de corte da fita inaugural era seguida do descerramento de bustos dos dois mandatários.

Para construir a identidade de uma Nação sem males, fazia-se necessário recordar apenas daquilo que era conveniente ao sistema. O eixo central estava em que aspectos tais recordações deveriam ser estimuladas e controladas. Sobretudo controladas. E também reinterpretadas, comemoradas e/ou monumentalizadas. Mais do que a conquista de uma memória argentina que perpassasse mais cerca de 150 anos da trajetória do país portenho, se queria consolidar por aqueles tempos um "instrumento e um objeto de poder", como diz LE GOFF (idem: 470).

Para estes fins, o quarto ano do primeiro mandato foi particularmente fértil. Em 1950, demarcou-se o centésimo aniversário da morte de San Martín. Pierre LEX-WURM (1965), em Le Péronisme, recorda a caudalosa lista de associações Peronismo-San Martín: um instituto com o nome do fundador da Pátria foi criado; sindicatos e organismos oficiais eram estimulados a lembrá-lo sempre nos eventos públicos; placas marcando a data eram constantemente descerradas; tochas eram acessas junto ao túmulo de San Martin em Buenos Aires e transportadas com grande pompa para diversas partes do país; vários monumentos ao Soldado Desconhecido foram levantados, além de instituída a honraria Ordem do Libertador San Martin. Evita ganhou um colar com jóias deslumbrantes. E diversas publicações colocavam, lado a lado, os perfis de Perón e San Martin (que, em 1952, seria declarado, pelo Congresso, o Grande Pai Imortal, no mesmo ano em

que Eva e Perón foram agraciados com os títulos que em 1956 a Revolução cassaria).

A ligação de Perón com San Martín não era nova: nos anos 1930, Perón escrevera Campaña del Alto Peru, sobre acontecimentos do período 1810-1814, tempos em que San Martín já era um líder. No período em que o GOU (Grupo de Oficiales Unidos) esteve à frente do governo argentino (1943-1946), a efígie do general com frequência estava presente nos materiais visuais produzidos. Ao demarcar um sentido de nova era na trajetória da Argentina, o Peronismo estava incorrendo no que Marialva BARBOSA (2009: 22) denomina de terceiro tempo:

> A História, ao tentar recuperar o passado e trazê-lo para o presente, cria uma espécie de terceiro tempo, entre o tempo cronológico e o tempo vivido – e o calendário funciona como matriz deste terceiro tempo. (…) Instaura-se a data inicial, ponto zero, considerada evento fundador que cruza o instante cosmológico e o presente vivido.

Esse discurso fundante da Nova Argentina guarda relação com outra visão foucaultiana, a da formação discursiva. Inês ARAUJO (2007: 18) discorre que, sob este prisma, o sujeito é

> aquele que pode usar (quase sempre com exclusividade), determinado enunciado por seu treinamento, em função de ocupar um lugar institucionalmente estabelecido, de sua competência técnica. O enunciado pode ser usado ou reutilizado, entrar em tramas e circular conforme um interesse, uma prática.

Naqueles anos, a exclusividade era algo inerente ao primeiro-casal para protagonizar o revival sanmartiniano. Conceitos-chave como memória coletiva, quadros sociais e trabalhos da memória prescritos por Maurice HALBWACHS se encaixam com propriedade para analisar as táticas peronistas de justificar o presente de então (1946-1955) a partir das lembranças. BARBOSA (2007: 50) aborda que

> Ao partir do presente para re-estruturar o passado, destacam-se aspectos do presente e negligenciam-se outros. Há, portanto, um processo de acomodação e assimilação. Por outro lado, sendo memória a reconstrução do passado, esta depende das escolhas, esquecimentos e deformações que existem na memória do grupo.

E isso tudo estava no cerne do Primeiro Peronismo e das suas conflituosas relações com a Revolução.

**Apontamentos sobre a memória**

TODOROV (2002: 139) fornece uma pista da dimensão que a memória adquire em regimes como o Peronismo, sustentando que, no século 20, é que se descobriu "um perigo antes não suspeitado: o completo domínio da memória":

> Não é que, no passado, a destruição sistemática dos documentos e monumentos havia sido ignorada mas o que se supõe é que (no século 20) surgiu um modo brutal de orientar a memória de toda uma sociedade (…) As tiranias do século 20 sistematizaram seu domínio sobre a memória e intentaram controlá-la até em seus mais remotos rincões.

No caso peronista, recorda-se que cabia à Subsecretaria de Informaciones administrar o que podia e o que não devia ser recordado e ressaltado. No tocante a San Martín, o objetivo era inserir na consciência coletiva a noção de que Perón era seu herdeiro direto. “O passado mitificado é lembrado para justificar as representações sociais do presente”, escreve BARBOSA (2009: 50). No exemplo acima citado, a representação consistia em colocar Perón no mesmo espaço geográfico e político que San Martín. Não por acaso, portanto, Perón é retratado em dado momento tendo a Cordilheira dos Andes ao fundo. Maurício PARADA (2008: 216), analisando as manifestações totalitárias na Alemanha, Itália e Portugal entre 1930 e 1940, sustenta que, nestes países, deu-se um processo de fabricação de

> um mundo de falsificações manipuladas por um 'grande irmão' que controla todas as informações que consumimos e que habitamos um universo social constantemente vigiado, no qual a verdade é traiçoeira e a história é movediça.

No caso peronista, a história, de fato, era movediça ao extremo, já que as reconstruções de determinados sentidos (referentes a fatos, a personagens, etc) eram uma praxis dos ideólogos do regime, fosse ela “sutil ou nem tanto”, como pondera Andreas HUYSSEN (2000: 68), acerca do que ocorre com a memória coletiva.

Diante disso, é possível delinear três marcos principais: a memória coletiva, os quadros sociais e os trabalhos da memória. BARBOSA (idem: 47) diz que memória coletiva “se refere à memória partilhada em função de algo vivido em comum por diversas pessoas que formam uma coletividade”. LE GOFF (2000: 57)

acentua sobre o binômio 'memória e poder', lembrando que, tanto quanto uma conquista, a memória coletiva era um objetivo poder. Mais:

> A memória coletiva é um dos elementos mais importantes das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, por sobreviver e por progredir.

De seu lado, Maurice HALBWACHS (1990: 100) pontuou que memória coletiva não era o mesmo que história, visto que esta última seria apenas a “compilação dos fatos que ocuparam maior lugar na memória dos homens”. Na Argentina de então, tal distinção era desconsiderada e a coletividade (mesclando memória coletiva e história) deveria ser a Nação como um todo, visto que o Peronismo pretendia incutir seu discurso em todos os habitantes daquele país, recorrendo a seus mitos para fornecer a ilusão de que o passado pode ser tornado presente, como continua BARBOSA, a qual diz ainda que “neste sentido, a memória coletiva é igualada à memória nacional, ou seja, o conhecimento partilhado de datas e heróis da história”.

Recorde-se o descamisado peronista. Para além da recorrência mediada (cartazes, bottons, bandeiras, filmes, etc) da figura do descamisado, outro elemento do pensamento de HALBWACHS pode ser inserido no contexto peronista, o das comemorações. Os triunfantes comícios e paradas anuais do 17 de outubro começaram a ser acompanhados de inaugurações de monumentos públicos referentes à data, reforçando a mensagem vitoriosa do Justicialismo.

Sobre os quadros sociais, BARBOSA (ibid: 49) escreve que são “instrumentos de que a memória coletiva se serve para recompor a imagem do passado, ligada em cada época ao pensamento dominante na sociedade”. Para a autora, os quadros sociais são compostos igualmente por linguagem e imagens espaciais e temporais coletivas. Verificando-se o arsenal peronista de construção da própria identidade, nota-se que duas ferramentas se enquadram nesta acepção halbwachsniana de quadros sociais – os cartazes e os cinejornais produzidos e distribuídos pela Subsecretaria de Informaciones.

No livro Juan Domingo Perón – uma vida para un pueblo (2006), as referências aos feitos do regime em favor dos niños são várias. As crianças eram um quadro social vital na mídia peronista. Páginas apresentam fotografias de Perón e Eva com jovens compartilhando 'momentos de intensa alegria', conforme uma das legendas. Em outros momentos, mais fotos e textos curtos sobre a transformação que a educação e a proteção infantil vinham sofrendo com o sistema de hogares-escuelas (note-se que, em primeiro lugar, vem o hogar e, depois, a escuela, já que o abraço protetor do Estado era mais importante que a educação, mesmo neste aspecto semântico).

Também nos deparamos com os chamados trabalhos da memória, quais sejam seis, conforme define BARBOSA (ibid: 49-50): acomodação e assimilação; mudança e esquecimento; e hierarquização e legitimação. Sobre acomodação e assimilação, vale dizer que o livro La Nación Argentina – Justa, Libre y Soberana é uma espécie de sumo vital destes parâmetros, na medida em que, como pondera BARBOSA (ibid.), parte-se do presente (a publicação do livro em si) para re-estruturar o passado, divinizando partes do presente e e submergindo outros (como a miséria que rondava boa parte das províncias mais distantes da capital).

No que tange à mudança e esquecimento, igualmente La Nación... se presta como fonte. BARBOSA (ibid.) pontifica que “a memória da infância difere da memória da vida adulta, porque há transformações nas ideias dominantes que organizam esta memória”. Ao longo do livro em questão, há dezenas de comparativos antes e com Perón que ilustram bem este aspecto memorial também discorrido por HALBWACHS: o crescimento da rede de água encanada em Buenos Aires, assim como a pavimentação das ruas e avenidas da capital são apenas dois dos exemplos que aqui poderiam ser citados, nos quais a mídia política do regime opera com processos sinestésicos que estimulam justamente este comparativo vida infantil = cotidiano sem água encanada em casa nem rua asfaltada vs vida adulta = confortos proporcionados pelo governo da ocasião.

Quanto à hierarquização, a concepção de BARBOSA (ibid.) engloba a existência de memórias dominantes e memórias dominadas, sendo que as últimas não podem produzir sentidos. GENÉ (2008: 23) descreve que, entre 1950 e 1955, o governo peronista investiu maciçamente na produção de docudramas (mistura de ficção com fatos da realidade presente ou passada) estatais, os quais eram de exibição obrigatória em todos os cinemas. A tônica, diz a autora, era a dicotomia presente vs passado:

> Globalmente, a estrutura narrativa da maioria dos exemplos se apoia na dicotomia temporal 'ontem e hoje', expressada em sequências que exaltam o contraste entre o passado de penúrias e o presente de bem-estar.

Quanto ao eixo da legitimação, a propaganda peronista fazia vínculo deste item com os aspectos da economia do país, a qual era seguidamente comparada do mesmo modo nos termos antes de e com Perón. O mesmo La Nación... é um caso bastante sintomático disso. A página 139, por exemplo, reproduz a acta de la

Declaración de la Independencia Económica, um panfleto ideológico que fazia alusão de que este instante – 9 de julho de 1947 – era a versão econômica do 9 de julho de 1816, quando, na cidade de Tucumán, líderes argentinos que defendiam a separação total da Espanha à época proclamaram uma acta *de independencia política.*

Ao agir assim, datando acontecimentos que se pretendiam imponentes (como esta Declaración...), o Peronismo estava também cristalizando no presente mas visando o futuro com uma espécie de memória enquadrada, já que o regime pretendia deixar para as gerações posteriores o mesmo viés ideológico daqueles tempos por volta de 1950, isto é, o regime justicialista pretendia ficar bastante tempo vivido no poder. Sobre esta questão da memória enquadrada, Michel POLLAK (1992: 206) diz haver "um trabalho que é parcialmente realizado pelos historiadores", provocando a assunção de determinados fatos presentes e passados no imaginário social e jogando para o limbo outros. Ou seja, enquadrando a memória coletiva.

**Peronismo vs correntes do pensamento**

Enquanto projeto de poder, a visão no primeiro Peronismo do que era e de como deveria ser manipulada a memória coletiva acabava indo na contramão do que prega LE GOFF (idem: 471) sobre a utilidade da própria memória – qual seja a servir para a libertação e não para a servidão dos homens. Também contradizia Philippe ARIÈS (1989: 255), para quem a história deveria restituir "o sentido perdido das particularidades", já que, sob o manto peronista, a homogeneidade de pensamentos, de sentimentos nacionalistas, de conceito de felicidade e outros tantos aspectos deveriam ser pontos compreendidos pelo indivíduo argentino a partir somente das mensagens emanadas pelo Justicialismo.

Tais afirmações podem levar à conclusão equivocada de que o projeto de poder peronista e suas relações com as lembranças era algo de fácil execução e assimilação por parte da opinião pública. A tríade ideología memória-opinião pública tinha como base uma intrincada cadeia de relações. O Peronismo, mesmo no seu auge (1946 a 1951), esteve longe de ser algo próximo de uma unanimidade ou mesmo uma representação de uma maioria absoluta.

Havia sim, no Peronismo, uma rememoração vigorosa do passado, a ponto de transformá-lo em mítico, a ponto de render juros, como escreve Michel POLLAK (1992: 207). Mas cabe lembrar as palavras de HUYSSEN (idem: 69), o qual diz que "o lugar da memória numa determinada cultura é definido por uma rede discursiva extremamente complexa, envolvendo fatores rituais e míticos, históricos, políticos e pedagógicos". No Primeiro Peronismo, deu-se algo bastante similar ao que o autor preconiza. Lidara muito bem com o passado, o presente e o futuro naqueles instantes, condição essencial, segundo Max WEBER (citado por Federico NEIBURG, 1997: 87), para se tornar uma nova profecia. Nos 60 anos seguintes, muitos destes fatores foram se dissipando (como o ideário de uma felicidade coletiva assistida), enquanto outros mantiveram alguma consistência - como a imagem estilizada de Eva Perón, la abanderada de los pobres, ainda recorrente nas ruas das grandes cidades e nas maiores causas sindicalistas. E como o antigo bairro obrero de La Matanza, hoje município de Ciudad Evita mas que, entre 1955 e meados dos anos 80 (após a derrocada de uma ditadura militar), teve nomes distintos, como Ciudad General Belgrano (a partir de 1956) e Ciudad Martin Güemes (entre 1977 e 1982).

O Peronismo, portanto, permanece como área vasta para exploração em termos de estudos de memória coletiva. Parafraseando RICOUER, na teia de horizontes que o Peronismo teceu e mesclou ainda é possível descobrir novas meadas ou, no mínimo, percorrer algumas ainda um tanto intactas. Ainda que tais descobertas

tenham de ser somente basicamente a partir de livros e narrativas em geral "que nos apresentam apenas um quadro muito esquemático e incompleto" da história, como bem escreveu Maurice HALBWACHS (1990: 79). Ou mesmo por meio de bustos altivos, como o de Eva Perón, que representam muito mais do que uma escultura de sorriso permanente instalada na antiga hogar-escuela n. 1, na (curiosamente) avenida Espanha (antiga avenida Perón), em frente ao ainda Parque San Martín, em San Salvador de Jujuy.

**Lugares de memória**

A partir de 4 de setembro de 1952 e até o dia em que o Peronismo ruiu, todos os relógios de Buenos Aires que estivessem depositados em relojoarias ou similares deveriam marca uma única hora, 20h25. Um despacho do então prefeito da capital federal, José L Garcia, havia determinado a consecução de tal ato, "como recordación al tránsito de Eva Perón a la eternidad', reproduz Roberto BASCHETTI (2000: 27). Este autoritarismo legal já é passado mas muito do regime ainda corre solto pela Argentina.

Perón vive na calle Áustria, 2953, na divisa entre Recoleta e Palermo, na capital argentina. Menos de dois quilômetros dali, em direção à uma das áreas mais verdes mais bonitas da cidade (já em Palermo), está Eva Perón, na calle Lafinur, 2988. E ambos estão nos museus que levam seus respectivos nomes. Os vestidos da ex-primeira-dama são alguns dos objetos mais onipresentes do lugar que abriga parte da memória e das lembranças de Evita. Ali, na calle Áustria, nada supera a escultura do general em uma mesa de bar, sempre pronta para uma foto com visitantes.

Espaços e objetos como estes são os *lugares de memória*, denominados por Pierre NORA. Nos dois centros, coexistem tanto os lugares materiais como os

simbólicos. Cada visitante acaba por conferir a lugares assim uma espécie de aura simbólica, consumindo o que dissera Salazar com “politicamente, só existe o que o público sabe que existe”. Em cada dia que estão abertos, o Instituto Nacional J D Perón e a Fundación Eva Perón se configuram como instrumentos que combatem a sensação de instantaneidade que cada vez mais aceleradamente recobre a sociedade contemporânea. BARBOSA (2007: 39) chama locais como estes de 'santuários da memória', os lugares de que fala NORA, funcionais ou basicamente simbólicos.

Perón vive também no Museu 17 de Outubro, em San Vicente, onde morou na propriedade de 18 hectares (em 1947, mandou construir um chalecito lá para ele e a esposa). Eva em mausoléu no Cemitério da Recoleta. E ambos circulam pelas calles Lugarno, 760 (onde ficava a sede da Subscretaria de Informaciones), Azopardo (802, sede da CGT) e Posadas, 1567 (onde Perón e Eva moraram em 1946), além da avenida de Mayo (o Hogar de la Empleada ficava no 869, a 700 m do Obelisco e a 800 m da Casa Rosada).

Há mais: desde 2007, por um decreto nacional, a sala do hospital onde Eva esteve internada nos meses que antecederam sua morte, é considerada 'lugar de interesse nacional'. Foi ali, na calle Anatole France, 773 (região de Sarandi, Buenos Aires) que Eva votou em eleição presidencial pela primeira vez em 1951. Sobre este fato, Alícia ORTIZ (1995: 307) recorda um momento em que Eva é reverenciada como santa laica:

> Totalmente por acaso, o funcionário que veio receber o seu voto era um jovem escritor, David Viñas. 'Fiquei enojado com a adulação que a rodeava', afirmou ele. 'Mas houve uma imagem que me comoveu: a das mulheres que,

ajoelhadas no passeio, beijavam e tocavam na urna que continha o seu boletim de voto'.

Não fosse a deposição, possivelmente Perón estaria vivendo ainda no arco do triunfo que o governo da cidade de La Plata anunciou que começaria a construir, naquele que era para ser o maior do mundo em sua categoria, ao custo de 54 milhões de pesos da época, como uma alegada homenagem justa, como recorda Pierre LEX-WURM (1965: 231), à “personalidade que veio de um plano transcendental”, à “criatura de uma mística nacional e de uma filosofia da ação”, como defendera uma autoridade local de La Plata naqueles instantes.

É de se ressaltar também que, no esforço intenso que a Revolução Libertadora fez nos primeiros meses da derrocada peronista para limpar os lugares de memória do regime, três das quatro técnicas que TORODOV fala como modos de controle memorial foram amplamente: em Tentación... (2002: 140-142), o autor sustenta que o desaparecimento de rastros, a intimidação da população, o uso de eufemismos e uma intensa propaganda política (como modo de controle da informação circulante) são práticas comuns nestes casos. O apagamento das iniciais de Eva Perón dos bordados que existiam na fundação homônima, as diversas determinações legais que proibiam sequer mencionar a palavra Peronismo e a veiculação de materiais como o Libro Negro (contendo diversas acusações que não foram provadas ou mesmo investigadas com seriedade) acabaram sendo modos de ação da Revolução, excetuando-se, portanto, o eufemismo (que TODOROV cita como exemplo cabal a questão da Solução Final nazi) neste rol que mesclava discurso e ação.

Hoje, para os personagens que reforçam com regularidade as marcas peronistas na Argentina, manter museus, indicar passeios, relembrar datas, ocupar espaços

como a Plaza de Mayo e tudo o mais são como um artifício no qual está estampado algo como 'saber o que fomos indica o que somos', uma luta inglória, na medida em que, como bem disse TODOROV, não é possível a reconstituição integral do passado. RICOUER (2000: 451) ensinou que “lembrar-se é, em grande parte, não esquecer”. David LOWENTHAL (2002) defendeu que existem cinco tipos de memória: motoro-sensorial (que nos permite dirigir sem que seja necessário recordar como aprendemos a fazer isso); semântica (o repertório automático de palavras, a tabuada decorada, os versos de uma poesia, as capitais dos países, mas que não esclarecem nada sobre o passado no qual estas informações foram assimiladas); episódica (acontecimentos específicos da nossa vida); instrumental cotidiana (suscitando fatos, não sentimentos); e devaneio, que realça sentimentos relembrados.

Manter os lugares de memória peronistas pode ser, portanto, um ato ligado à categoria devaneio, na razão em que estar diante de uma escultura de Eva, por exemplo, possa se configurar em um acontecimento capaz de reavivar a fé no Peronismo, para alguém que hoje é adulto (e criança na época do Primeiro Peronismo). Obviamente, trata-se de uma espécie de manipulação do passado, em favor do tempo presente, em busca de uma memória exemplar (expressão de TODOROV) às avessas (o autor dizia que há certos tipos de memória que devem ser sempre lembradas, para que parte da história nunca mais se repita). A função primordial da memória parece não ser preservar meramente o passado, mas sim adaptá-lo, enriquecê-lo, de maneira que seja útil no tempo presente. Este, ao final de tudo, pode ser um dos motes dos peronistas do tempo presente, em busca de reafirmar um discurso que, em seu tempo inicial (1946-1955), foi um tanto inaugural. Como uma verdadeira religião do mundo moderno, o Peronismo intentou criar a imagem de uma Argentina enquanto Jardim do Éden. Jean-Marie DOMENACH (1950: 82-83) disse tudo:

> Denominador comum de todas as propagandas são as imagens da amizade, da saúde e da alegria. Crianças a brincarem à roda, jovens praticando desporto, ceifeiros que cantam, essas vulgaridades do Cinema de propaganda de todos os países que se aproveitam do desejo da felicidade e liberdade, da necessidade de evasão do citadino preso à escrivaninha ou à máquina de escrever e privado de verdadeiros contatos humanos.

Como uma *felicidad criolla* (mesclando realidades sociais com fantasias homéricas), o Peronismo permanece indelével nos argentinos. Disse José Pablo FEINMANN (2008: 07),

> el Peronismo es una persistencia en nuestra historia y esta persistencia ha sido fruto de la obstinación de los grupos políticos actuantes en ella (…) Lo que nosotros estamos proponiendo es una obstinación argentina. Pertenece a los peronistas en la modalidad de la adhesión. A los antiperonistas enn la modalidad de rechazo.

Ou, em outras palavras, tanto naqueles que são mais ou menos peronistas comosnos que são muito peronistas, una antinómia que explica a Argentina de boa parte de 1946 em diante.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


Araujo, I. (2007). Vigiar e punir ou educar? In: *Educação.* São Paulo, *03,* 26-35.

Ariès, P. (1989). *O tempo da História*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Barbosa, M. (2007). *Percursos do olhar*. Niterói: Eduff.

Baschetti, R. (2000). *El mito Eva Perón a través del diário La Prensa en el período 1952-1955*. Monografia (Licenciatura em Ciências Sociais) – Facultad de Ciencias Sociales, Universidad del Salvador, Buenos Aires.

Castillo, F. (2011). *Los niños del Hogar Escuela Gobernador Víctor Mercante: historias y trayectorias familiares*. XIII Jornadas Interescuelas – Departamientos de Historia.

Domenach, J. M. (1950). *La propagande politique*. Vendôme: Presses Universitaires de France.

Feinmann, J. P. (2008). *Peronismo, filosofía política de una obstinación argentina.* Página 12, Buenos Aires.

Gené, M. (2008). *Un mundo feliz: imágenes de los trabajadores en el primer Peronismo (1946-1955).* Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.

Halbwachs, M. (1990). *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice.

Huyssen, A. (2000). *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano.

Instituto Nacional Juan Domingo Perón (2006). *Juan Domingo Perón, uma vida para un pueblo*. Buenos Aires: Cultura Nación.

Lex-Wurm, P. (1965). *Le Péronisme.* Paris: Bibliothéque Constitutionnelle et de Science Politique.

Le Goff, J. (2003). *História e memória*. Campinas: Editora Unicamp.

Le Goff, J. (2000). *História e memória*. Volume 2: Memória. Lisboa: Edições 70.

Lowenthal, D. (2000). *The past is a foreign country*. Cambridge: Cambridge University.

Navarro, M., & Fraser, N. (1985). *Eva Perón*. Lisboa: Bertrand.

Neiburg, F. (1997). *Os intelectuais e a invenção do Peronismo*. São Paulo: Edusp.

Ortiz, A. D. (1995). *Evita, Eva Perón, a madona dos sem-camisa.* Lisboa: Terramar.

Parada, M. (2009). *Educando corpos e criando a Nação*. Rio de Janeiro: Apicuri/PUC-RJ, 2009.

Pollak, M. (1992). Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*. *5* (10), 200-212. Rio de Janeiro.

Ricoeur, P. (2000). *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Edunicamp.

Presidencia de la República Argentina (1950). *La Nación Argentina, justa, libre y soberana.* Buenos Aires.

Todorov, T. (2002). *Memoria del mal, tentación del bien – Indagación sobre el siglo XX.* Barcelona: Península.

Vice-Presidencia de la nación argentina. (1958). *Libro negro de la Segunda Tiranía.* Comisión Nacional de Investigaciones, decreto ley n. 14.988. Buenos Aires: Presidéncia de la República.